



IDENTIDADE, MEMÓRIAS E NARRATIVAS: MATEMÁTICA “POR QUÊ?”, “PARA QUÊ?” E “PARA QUEM?”

Jefferson de Melo Silva¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP

Resumo

Este relato de experiência tem como objetivo compartilhar as minhas memórias, em relação a uma importante disciplina eletiva² do programa de pós-graduação, mestrado profissional em Ensino de Ciências e Matemática (ENCIMA/ IFSP). Apresentaremos pelo método narrativo³, onde cada capítulo foi orientado por um encontro presencial; neles há um encadeamento lógico. Por ser um tema essencial aos educadores em geral, procuro trazer a identidade profissional para um diálogo com a formação de professores; descrevendo a forma “dramática” com que estou ensinando e aprendendo a responder: Matemática “por quê?”, “para quê?” e “para quem?”

Palavras-chave: Educação Matemática; Formação de Professores, Identidade Profissional, Método Narrativo.

1. APRESENTANDO A PEÇA (02/03/2024)

Era uma manhã de sábado, e nós ainda debruçados não queríamos ir para a aula. Mas, a aula não é um lugar comum para os professores? Ainda mais os que desejam uma pós-graduação, trabalhando dia e noite, literalmente, para isso?

Sim, e não. Sim, porque os discentes de um programa de mestrado em ensino possuem uma *práxis* ocorrente no seu cotidiano, trabalhando nas diversas interfaces da educação, e seu habitat, escola, exclusivamente a sala de aula; e não, pois uma coisa é lecionar no seu contexto, de segunda a sexta, seguindo a sua programação, outra coisa é estender aos sábados, um dia para refletir, investigar e trabalhar.

¹ Licenciatura em Matemática, mestrando em Ensino de Ciência e Matemática (ENCIMA/ IFSP). Docente, Ensino Médio, Rede Estadual de São Paulo (SEDUC/ SP), Guarulhos, SP, Brasil. <jefferson.melo@aluno.ifsp.edu.br>

² Chama-se: “Identidade Profissional de professores que ensinam matemática” (IPPT01), ministrada pela dupla de professores, Dr. Enio Freire de Paula (IFSP/ PEP) e Dr. Rogério Marques Ribeiro (IFSP/ GRU).

³ O método valoriza o pensar narrativo pelas memórias, interpretações do sujeito e subjetividade do meio, não restringindo a “modelos”. Mesmo havendo critérios, diverge do pensamento lógico-científico, se caracterizando por possibilitar emoções aos escritores e leitores. Na perspectiva do paradigma indiciário (...) *trata-se da construção de um conhecimento que busca a totalidade sobre um objeto cujo acesso só se dá de maneira indireta, o que é possível por meio de sinais e indícios, que são, nas palavras do autor, “zonas privilegiadas” para decifrar uma realidade que é “opaca”.* (Ginzburg, 1989, p. 177)

Nós acabamos acordando, mesmo sem muita coragem. No ônibus lotado, fomos de Guarulhos/ SP, onde moro, até o IFSP campus São Paulo. Aquele momento inicial era uma prévia, pois, apenas me matriculei na disciplina optativa: Identidade profissional de professores que ensinam matemática, na semana seguinte pelo SUAP.

Havia uma expectativa sobre a disciplina, pois o nosso orientador, que mora bem distante da "capital da província" iria ministrar, ou melhor dirigir a companhia de atores, professores, por meio do roteiro da peça. O título, nome da disciplina, era sugestivo. O interessante, é que as disciplinas no programa, não possuem apenas um diretor, professor, mas, dois!

Adjunto, outro grande educador, do qual, em nossa graduação tivemos o prazer de conhecer. Assim, pelas credenciais, já parecia que passar cerca de seis horas de um sábado dentro de uma sala de aula não seria um peso tão grande assim. Mas, essas foram apenas algumas sensações antes da apresentação oficial da disciplina, "a peça", e o cronograma, o "roteiro".

Na apresentação do plano da disciplina, os professores, diretores da peça, mostraram uma forma diferente, um semicírculo em volta de uma mesa, onde a exposição se faz na dialética entre os alunos, atores. Por hora, até mesmo se confunde, aluno-professor ou diretor-ator. Assim, se iniciou no palco-sala de aula a dramatização, com cenas de entrada ao enredo.

2. PRÓLOGO, PRIMEIRO ATO E O "PERSONAGEM" (16/03/2024)

No segundo encontro, havia uma disposição ao nos levantar. Parecia haver mais sentido para ouvir e discutir naquele espaço, isolado, no fundo de um corredor vazio. Saliento, que além dos dois professores, responsáveis pela disciplina, havia outros dez em média, no papel de aluno. Incrível, pois, cada um possui uma experiência diferenciada em outros cenários.

Destaco esse ponto, pois o *background*, ou melhor, o repertório desses atores formaria os ótimos diálogos da peça. Antes da cena inicial, proferida pelos responsáveis, ainda foi alinhado os demais encontros e dinâmicas de trabalho, atos, onde os professores, diretores, nos mostraram o *script*, o roteiro a ser dramatizado por nós alunos, atores, na sala de aula. Então no palco, o primeiro ato, onde o professor Enio apresentou o texto: "*O professor que ensina matemática como campo de estudo: concepções do projeto de pesquisa*", de Dario Fiorentini. Sua atuação era espontânea, por tanto dominar a referência e falar do roteiro escrito. Pensamos, será que vamos um dia chegar nesse nível de atuação pedagógica? - Haja estudo!

O personagem principal da obra é o professor, especialmente o que ensina matemática. Veremos ao longo da peça, a sua identidade, concepções, cosmovisões e inquietações. A partir da leitura e discussão do artigo, refletimos sobre dois pontos:

- A. A potência dos experimentos das áreas de ciências.
- B. O lugar da educação matemática crítica nesse processo.

Claro, neste momento, não havíamos lido nem mesmo o nosso roteiro, muito menos o memorizado para a atuação nas cenas a seguir. Porém, somente nesta apresentação já pude saber que o nosso ato traria um ponto de virada a seguir. Mas, aqui, foi levantado um mapa, uma emergência, um histórico, da região de inquérito da pesquisa desta *persona*. Procuramos ao longo das semanas, quando estamos no papel de diretor, professor, da nossa companhia de teatro, alunos do ensino médio, pensar na potencialização que a nossa "peça", experimental, pode atingir, nos atores e telespectadores. Para isso é preciso sermos críticos, e logo, criativos.

3. OUTROS ATORES, E O ATO PERDIDO! (27/07/2024)

Houve uma longa pausa, devido a greve no IFSP. Assim, foi interferido a cadência da peça. A principal dificuldade é a memória. Confesso, que após quatro meses, mesmo na relevância do momento, a longa pausa no curso da disciplina, fez o nosso desenvolvimento ser afetado. Devido a uma reunião na minha unidade escolar, perdemos o ato de retomada, com duas cenas fundamentais, pois era a transições de palco, outros atores iriam também atuar.

Assim, tivemos o trabalho de compreender o enredo sem os elementos teatrais da encenação. Imagino que é parecido ao ler livros que não foram adaptados às telas, em cinema e séries. Por um lado eles perdem muito de sua essência, mesmo que o diretor seja fiel ao texto original, mas, por outro, nos traz um vislumbre interpretativo e único. Uma porta de entrada para quem está conhecendo os tijolos que constituem o edifício todo. Mas, enfim, estudando o ato, interpretado pelos atores, professores Mateus e Andreza, observamos o texto: "*Modos de conceituar e investigar a identidade profissional docente nas revisões de literatura*" de Cristina Meyer, Leticia Losano e Dario Fiorentini.

Em resumo, o texto procura articular a identidade de estudantes e alunos, buscando uma revisão de literatura nos últimos cinco anos. Estabelecido esse início, apresenta uma meta síntese, das cinco principais revisões, apresentando um importante resultado, de que o conceito em questão, se desenvolve em movimento pendular; estando entre as dimensões do sujeito, do contexto social e das suas relações.

Todo esse panorama procura esclarecer ainda mais o nosso enredo, saindo da apresentação e caminhando para a problematização; pois *uma coisa é ensinar, outra é significar* (Agostinho, 2017, p. 89). Aqui há tensão! Assim, para a construção do campo da identidade profissional do professor matemático atuante, quem ele é e o como se constitui, temos por base as metodologias e análises diversas.

A cena seguinte, exposta pelo dueto, professor Felipe e Leonardo, irá expandir a cena anterior, a partir do texto: "*Aspectos a serem considerados em investigações a respeito do movimento de constituição da Identidade Profissional de professores que ensinam matemática*", de Enio Freire de Paula e Márcia Cristina de Costa Trindade Cyrino.

Em resumo, temos as pesquisas em identidade profissional de 2006-2016 sendo analisadas. Aos professores de matemática, são observados três pontos fundamentais, como: os processos de constituição, os contextos investigativos e as perspectivas epistemológicas, são eles:

- Cultural: religião, família, etnia, raça, nacionalidade, classes, gênero e sentimentos.
- Generalista: saberes, conhecimentos, práticas e experiências.
- Sociológica: condição social e profissional.
- Pedagogia dos estágios: ações transformadoras, expectativas, crenças e concepções.
- Psicológica/ Psicanálise: escolha e idealização da profissão - inspirações e desejos.
- Político-reformista: democracia, políticas públicas e visão social.
- Wengeriana: comunidades de prática nas ações de formação docente em iniciativas.
- Holística: resiliência, confiança, paixão, ideologia, criatividade, criticidade e afetos.

Cada perspectiva acima envolve o educador, a formar seus ambientes de reflexão e investigação, a sala de aula. Segundo Cyrino (2017), *a identidade profissional do professor que ensina matemática, se dá no conjunto de crenças e concepções interconectadas ao autoconhecimento e aos conhecimentos a respeito de sua profissão, associado à autonomia e ao compromisso político*. Não há como desintegrar, a sua construção é complexa, dinâmica, temporal e experiencial; e os seus contextos, seja na educação básica, formando ou docentes acadêmicos, irá influenciar fortemente a encenação, roteirização e as suas obras proferidas.

Após a leitura do artigo, a análise de cada um dos trabalhos; Beijgaard, Meijer e Verloop (2004), Darragh (2016), Lutovac e Kaasila (2018) e Graven e Heyd-Metzuyanin (2019), temos De Paula e Cyrino (2018), com pesquisas brasileiras realizadas, onde as bases teóricas e epistemológicas são exploradas de forma espetacular, tabulando muito do que por vezes enxergamos, lemos, pensamos, agimos e contemplamos.

4. SUBVERSIVOS E NARRATIVOS (03/08/2024)

Nosso clímax origina deste ato, onde tivemos que encenar, em parceria com o professor Juliano, o texto: *"Insubordinação Criativa: Um convite à reivindicação do educador matemático"*, de Celi Lopes e Beatriz D'ambrosio. Não sei se minha atuação foi boa, mas em poucas palavras, posso dizer que o texto fez um efeito muito positivo, naquilo que já procuramos fazer na companhia teatral que fazemos parte, a escola pública.

Nossa atuação nessa esfera procura refletir, principalmente sobre o formato avaliativo, onde preferimos uma diversidade de situações do que uma única atividade, ou provão bimestral. Nós envolvemos plataforma, slides, apostilas, prova paulista (obrigatório) com leituras complementares, e projetos de pesquisa com temas autorais de forma interdisciplinar. Fazemos isso, pois o pensar é necessário a todos, não basta apenas atuarmos como um "robô". Mas, para uma subversão criativa é preciso crítica, e para uma crítica construtiva é preciso base científica; e o texto nos conduz a isso. Experiências de compreender os limites e as extensões da *práxis* docente, do como fazer e agir, por meio do entrelace, formas e conteúdos.

Dentro da mesma cena, o ato seguinte, dos atores, professores Leticia e Daniel, apresentando o texto: *"As possibilidades formativas e investigativas da narrativa em educação matemática"*, de Maria Teresa Menezes Freitas e Dario Fiorentini. Eles mostraram tópicos importantíssimos, como a narrativa sendo uma possibilidade de entender as experiências do sujeito nas dimensões espaço-temporais. Assim, pode-se fazer pesquisas nessa modalidade, desde que haja um forte entrelace entre a teoria e a prática na articulação.

Não atendidas com rigor, o máximo que teremos é um relato de experiência, que tangencia o pensamento deste estilo, como: temporalidade, pessoas, ações, certezas e contextos; e seu valor, que está no efeito das histórias contadas, que contribuem para a identidade do sujeito da experiência. Assim como procuro aqui escrever, fui influenciado por tal ato.

5. QUEM? COMO? A MENSAGEM NA IDENTIDADE (17/08/2024)

Após o clímax, decorrida do último ato, precisamos considerar a grande atuação dialógica dos professores, atores, Ingrid e Ricardo; qual apresentaram o texto: *"Quem sou eu" em "como eu ensino" é a mensagem: autocompreensão, vulnerabilidade e reflexão*, de Geert Kelchtermans. Neste momento, estamos encaminhando para o desfecho da disciplina, peça. Então, a *persona*, o nosso professor que ensina matemática, é observado por meio de nossos atos de fala e ação.

O drama é um composto de palavras e atos: às vezes, a linguagem da ação abafa as palavras; outras vezes, as palavras fazem a ação avançar (Vanhoozer, 2016, p. 55). Aqui, não há diferenciação, na modesta ideia do faça o que faço, e não o que digo; já que no drama as duas coisas estão intrinsecamente interligadas nos avanços na narrativa.

"Quem ele é" e o "como ensina" não se divide, como áreas independentes. O profissional é um todo integrado, e isso faz a sua mensagem ter ou não significado, adjunto ao conteúdo. Observamos que a pesquisa narrativa vai nesse encontro, com a ideia de que somos seres históricos, que fazemos parte de uma história e que estamos construindo uma nova também. Há uma força motriz neste método, que pode tornar a pesquisa envolvente. Algumas reflexões importantes, foram de encontro aos pontos abaixo:

- Metáfora dos óculos: Não é possível enxergar sem alguma lente, ou cosmovisão.
- Envolvidos no processo: Estamos no palco, e não nos bastidores, e isso é importante!
- Auto imagem: Estamos preparados para ouvir? Os atores não são telespectadores!
- Auto estima: O relato pessoal é mais relevante do que as caricaturas inventadas à nos.
- Perspectivas: Como eu me vejo daqui a dez anos? Ainda serei um ator/ professor? Estou comprometido e vulnerável? Minha atuação aponta para algo maior, e se complementa com o exercício da vulnerabilidade a permitir os outros atores, menos e mais experientes, agirem e falarem, ou se percebem na peça como um todo?

Mas, e se não gostarem? Do nosso discurso e conteúdo? Se atores e telespectadores se levantaram, indo embora antes do final da peça? Questionando que não entendem nada? Fica, quem somos, como agimos e falamos. A mensagem entrelaça à identidade!

Então, após esta explanação, o ator, professor Maurício inicia a sua, seguindo com o texto: *"A identidade cultural na pós-modernidade, de Stuart Hall - cap. 1 e 2"*. Percebemos que não foi tarefa fácil desenvolver esta cena. Mas, não pela falta de técnica de palco do profissional, mas sim pelo conteúdo, já que os assuntos são sensíveis aos envolvidos. Alguns deles, abaixo:

- A. Identidade na teoria social.
- B. Classe, Gênero, Raça, Nacionalidade.
- C. Identidade em crise na história.
- D. Identidade: Cultural ou Biológica?
- E. Comunidades: Negros e LGBTs.

Aqui, cabe ressaltar três concepções sobre a identidade cultural, como a Iluminista, Sociológica e Pós-moderna. Muito importa essa cena, para que possamos entender que o professor que ensina matemática está ancorado em sua identidade, que a cultura pós moderna influencia, ao ponto de até pensarmos que se origina dela. Implica que, o personagem não compartilha apenas saberes, ou conteúdos por meio de seu discurso, mas pela sua forma de agir e falar, constrói uma espécie de "metadiscursos", ou uma mensagem que é maior que os tópicos de aula de matemática.

Aqui, existe uma autenticidade no ator, que faz com que as expectativas sejam aumentadas, frente a sua encenação. Apesar do roteiro estar estabelecido, a identidade profissional faz com que a interpretação do docente seja única, carregada de sentidos e significados frente ao palco. Tudo isso advém da complexidade do ser pós-moderno. Ele transcende as perspectivas sociais anteriores, fazendo-nos olhar para a crise histórica sobre identidade, e atentar aos aspectos de classe, gênero, raça, nacionalidade e etc. A semântica das palavras, as comunidades e suas representações frente a todas as violências originadas e percorridas, pelos preconceitos ocorridos estão no radar do mesmo, ele não pode ignorar a realidade diante dos seus olhos.

Quem eu sou, o como incorporo e interpreto o professor que ensina matemática, além dos textos marcados, nos leva a ser seres mais sensíveis frente às grandes questões pós-modernas.

6. RETIRANDO-SE DO PALCO (24/08/2024)

Atenção aos imprevistos, pois sempre devemos pensar na peça total, e não apenas nas cenas de forma desintegrada. Uma professora, atriz, não pôde participar devido a questões pessoais. Mesmo sem a encenação do texto: "*Notas sobre a experiência e o saber de experiência*", de Jorge Larrosa, nossa dramaturgia coletiva foi muito bem concluída. O professor Rogério precisou adaptar e improvisar aquele ato, onde sua cena final e conclusiva foi justamente ao encontro desta temática. Sob o texto: "*Conhecimentos mobilizados por professores ao interagir com os materiais curriculares de matemática*", de Katia Lima e Ana Lúcia Manrique, tivemos nossa retirada de palco, sob a exposição do tema. Algumas falas de ação abaixo:

- Adaptar ou Improvisar? O que fazer quando o desconhecido surge? Dominar o roteiro é importante, mas não suficiente ao docente, e por isso deve-se ir além da reprodução.
- São objetos de estudos, antes de ferramentas de trabalho. O educador matemático trabalha a geometria das semi-retas ou as frações parte-todo de forma peculiar. Diante do material, o professor especialista, enfrenta os saberes técnico-matemáticos.
- Lema italiano: Traduzir é trair? Melhor pensar em categorias e/ ou facetas?
- Para analogias é fundamental dominar os saberes da BNCC. Conhecer as definições, as representações, os sentidos e significados - antes de traçar paralelos é importante.
- Tripé: Matemática, Didática (epistêmica) e a "Meta" sob a análise crítica.
- Confiar no material? ou não estou seguro de mim? Como identificar o problema?
- Agente ativo, no fazer escolhas dos seus materiais e maneiras de ensino.
- A possibilidade do educador-autor, científico-crítico-criativo, professor-pesquisador.
- Princípio ético: A aula que eu dou, gostaria de receber?

As discussões envolviam aspectos cognitivos, afetivos e interativos; entendendo que o roteiro não é um fim em si mesmo, pois há uma liberdade de interpretar e dramatizar a cena no palco.

7. E, AGORA - ACABOU? (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Mas, o professor matemático não faz apenas contas, fórmulas, algoritmos, tabelas e gráficos? Será que ele não deve entregar a descrição para os professores de linguagens (Português, Inglês e Artes), a investigação para os de ciências exatas (Física e Química), e a reflexão para os professores de ciências humanas (História e Filosofia) e sociais?

Qual o seu lugar frente a sua comunidade educacional? De fato, ele não é um faz tudo, refém da sua escola. Sabemos que muitos lecionam diversas disciplinas, perdendo seus traços de especialista em ensino-aprendizagem de matemática, como: Tecnologia e Inovação, Projeto de Vida e Eletivas; ou mesmo os diversos Itinerários Formativos. Porém, o que cabe a nós, é pensar na identidade profissional do mesmo. Quem somos, e como ensinamos grita mais no teatro, do que o litúrgico ensino de matemática dogmático.

Se a peça acabou? Provavelmente não! Ela continua, pois o nosso personagem se confunde com o próprio ator; e o palco, com o mundo. A metáfora é propícia, pois *um dos principais propósitos do teatro, segundo Aristóteles, é realizar “catarse”*; onde o mesmo *é a junção de diversas artes: literatura, pintura, dança e música*. (Vanhoozer, 2016, p. 32)

O drama ocorrido no teatro, aulas sabáticas, de certo modo nos tirou o fôlego, levando o nosso pensar a possibilidades, de imaginar pontos, ainda inimagináveis, por meio das variadas modalidades de cenas e atos; não somente no fazer matemático. A sala de aula, é a junção de saberes e experiências difundidas, é onde o humano toca e transcende a realidade em voga. Ao lar pedagógico, esperamos que haja estranhezas, e *às perguntas “Por quê?”, “Para quê?”, “Com que direito?”, “Isso está correto?” e “Para quem?”* (Bicudo; Garnica, 2021, p. 27). Assim, o ensino de matemática nunca será o mesmo.

Em nossas companhias de teatro, quando preparamos o roteiro, os atores a encenar, devemos convidar, nunca obrigar, os envolvidos a protagonizar, se apropriando dos contextos, para que antes de tudo, realizem os seus propósitos como indivíduo, no coletivo.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo; AQUINO, Tomás de. De Magistro. Campinas – SP: Ed. Kíron, 2017.

BICUDO, M. A. V; GARNICA, A. V. M. Filosofia da Educação Matemática. 5. ed. São Paulo: Autêntica, 2021.

DE PAULA, E. F.; CYRINO, M. C. C. T. Aspectos a serem considerados em investigações a respeito do movimento de constituição da Identidade Profissional de professores que ensinam matemática. Educação (UFSM), 45, e28/ 1-29, 2020. doi: 10.5902/1984644434406.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

VANHOOZER, Kevin J. O drama da doutrina. Ed. Nova Vida, 2016.